



INTERNAMENTOS

Hospital de campanha de Lisboa sem profissionais



Infraestrutura está no Estádio Universitário desde junho e nunca foi utilizada

FOTO NUNO FOX





< **A**s unidades hospitalares da Grande Lisboa estão a transferir doentes com covid-19 para o Norte, Centro e até para o Algarve, ao mesmo tempo que o hospital de campanha montado desde junho na Cidade Universitária para aliviar a pressão hospitalar na região está fechado. Tem 30 a 58 camas de internamento e para as pôr a funcionar só precisa de profissionais. >

“É absolutamente bizarro. Temos uma infraestrutura hospitalar preparada, inclusive registada na Entidade Reguladora da Saúde, para receber infetados ligeiros, e estamos a assistir a transferências para outras regiões e até para outro hospital de campanha, em Portimão”, critica António Diniz, responsável pela Estrutura Hospitalar de Contingência de Lisboa. “Não estamos a funcionar, aparentemente, porque não foi possível contratar recursos humanos, embora vejamos que não foi esse o caso para o hospital de campanha agora aberto no Algarve. Desde junho que a Direção-Geral da Saúde e a ministra sabem que está tudo pronto e que a única limitação são os profissionais, que não podemos contratar.”

Em causa está a constituição de equipas num total de 10 a 12 especialistas, 20 a 30 internos, por exemplo de medicina geral e familiar, e 17 a 25 enfermeiros para as 30 a 58 hospitalizações previstas na primeira fase. São ainda necessários 15 assistentes operacionais e administrativos, no caso já assegurados pela Administração Regional de Saúde (ARS) de Lisboa e pelo Exército, respetivamente. Se for preciso, e tendo profissionais, o hospital de campanha pode assegurar até 300 camas.

A infraestrutura foi preparada no primeiro mês da pandemia para





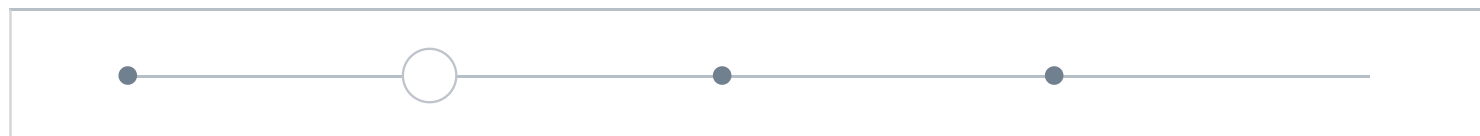
Armadas e ARS, Universidade e Câmara de Lisboa, que em março dizia suportar €300 mil diários para o projeto.

António Diniz explica que a unidade “se monta em 48 horas — demorará mais se a ARS tiver de ir buscar médicos e enfermeiros ao mercado, porque precisam de formação — e fica para situações de emergência”. Contempla “administração de oxigénio, sala de emergência com todo o equipamento para reanimação até à transferência do doente, sala para testes de diagnóstico da infeção, exames laboratoriais à cabeceira do doente [com resultados rápidos] e o sistema informático do próprio Hospital de Santa Maria”, do outro lado da rua. Nada foi ainda utilizado.

Questionada sobre a não abertura do hospital de campanha de Lisboa, a ARS garante que “deverá ser utilizado depois de esgotadas outras alternativas”. No entanto, “conjuntamente com os parceiros, estão a ser desenvolvidos os esforços necessários para ter a estrutura de contingência preparada e em estado de prontidão para ser ativada”. No mesmo dia em que respondeu ao Expresso, a ARS marcou reunião com o responsável pela unidade.

Por agora, os doentes estão a ser transferidos entre hospitais da região, para outras unidades do país e para o Centro de Apoio Militar, em Belém, que desde o dia 9 recebeu 378 doentes covid não agudos do SNS. E a Lisboa continuam a chegar doentes do Alentejo.

PRIVADOS CEDEM 700 CAMAS





ao SNS, e ainda no sábado foi possível responder com cerca de 100 adicionais para doentes não-covid e na segunda-feira aumentar o número de camas covid disponibilizadas em Lisboa”, reagiu a Associação Portuguesa de Hospitalização Privada. “Os doentes recebidos são os que os hospitais do SNS referenciam. Tem havido acordos para infetados e, sobretudo, para doentes não-covid que o SNS precisa colocar.”

O Norte foi a região pioneira nas transferências para os sectores privado e social, mas a progressão da pandemia obrigou a replicar o modelo, sobretudo em Lisboa. No Hospital dos Lusíadas, por exemplo, há 26 camas para internamento e 48 para cirurgia prontas para quem vem da rede pública, por agora sobretudo para pedidos do Santa Maria. “Em março fechámos literalmente três hospitais para o Estado e não foram utilizados. Agora estamos a tentar ajustar as necessidades”, diz o responsável, Nuno España. “Não se entende a hipótese de requisição civil, porque desde o primeiro momento que estamos disponíveis”, afirma.

CUF AUMENTA CAMAS PARA O SNS

Igual disponibilidade é reiterada pela rede CUF. “O internamento de doentes covid está localizado no CUF Tejo [Lisboa] e CUF Porto, com 42 camas covid, e vai ser feito o alargamento da capacidade no CUF Tejo e CUF Descobertas [Lisboa]. Estamos a criar condições para aumentar a capacidade para 60 camas, no início da próxima semana, dedicadas a qualquer doente covid, incluindo do SNS. Desta forma disponibilizamos camas nos três hospitais de maior dimensão, onde existem cuidados intensivos”, explicam os assessores. A contabilidade da rede indica que





Mas os privados não têm assegurado apenas camas ao SNS. Segundo a associação do sector, “há colaboração de acordo com as solicitações. Por exemplo, houve hospitais públicos que contrataram cirurgias” fora da convenção do vale cirúrgico para os doentes em espera além do tempo máximo de resposta que deve ser garantido no SNS. “Os hospitais privados têm referido que uma questão essencial é o planeamento. As camas não estão disponíveis, pelo que, em cada caso, é necessário reorganizar os serviços para satisfazer essas novas necessidades”, explicam.

A questão dos preços cobrados pelos privados ao SNS é um argumento recorrente, mas pelo exemplo do que tem sido contratualizado, desde logo no Norte, os valores são iguais ou até inferiores aos aplicados no público. O Expresso perguntou ao ministério as razões para a possibilidade de requisição civil mas não obteve resposta.

MENOS PORTUGUESES COM MÁSCARAS NO NATAL E ANO NOVO

Durante as festividades natalícias, os portugueses deixaram a máscara de parte muitas vezes. O número de pessoas que utilizou sempre máscara na rua e na presença de pessoas fora do agregado familiar diminuiu 10,4 pontos percentuais, de 86,7% entre 28 de novembro e 11 de dezembro para 76,3% de 26 dezembro a 8 de janeiro. Os dados foram revelados no Barómetro Covid-19: Opinião Social, publicado pela Escola Nacional de Saúde Pública e incluem ainda outro dado alarmante: entre

